



---

Relato de Experiência Docente

**Oficinas de Sociologia e Política, sob a Didática da Pedagogia Histórico-Crítica,  
no atendimento de estudantes superdotados/as: um relato de experiência**

**Sociology and Politics workshops, under the teaching of Historical-Critical  
Pedagogy, in the attendance of gifted students: an account of experience**

***Lais Regina Kruczeveski***

Mestra em Ciências Sociais pela  
Universidade Estadual de Londrina.

Contato:  
lais\_kruczeveski@hotmail.com

***Aline Oliveira Gomes da  
Silva***

Mestra em Ciências Sociais pela  
Universidade Estadual de Londrina  
e Mestra em Educação pela mesma

instituição. Contato:  
aline131290@hotmail.com

***Aline Maria da Silva Almeida***

Mestranda em Sociologia pela  
Universidade Federal do Paraná.

Contato: aline.uelcs@gmail.com

**Resumo**

Este relato tem como objetivo apresentar a experiência de participação nas oficinas de sociologia e política oferecidas dentro das salas de recurso do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S) em duas escolas estaduais da cidade de Londrina/PR. Estas oficinas foram presenciadas durante estágios e atividades desenvolvidas dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e do Programa de Iniciação Científica (PROIC), durante os anos de 2015 e 2016. Em síntese, o relato objetiva apresentar o que são as salas de recursos para altas habilidades e como as oficinas podem contribuir para a formação dos/as estudantes, apresentando-lhes maneiras de estranhar o mundo social por meio de criticidade metodológica. A coleta dos dados aconteceu por meio da observação participante, no qual as pesquisadoras inseriram-se no contexto das atividades durante 15 meses. Diante do trabalho de campo, foi possível verificar que as oficinas de sociologia e política contribuíram de modo satisfatório no olhar de estranhamento e desnaturalização dos/as educandos/as para o mundo social, tendo em vista que as temáticas trabalhadas foram, em sua maioria, propostas por eles e elas, fazendo com que o estranhamento fosse ainda maior.

**Palavras-chave:** Educação especial. Altas habilidades/superdotação. NAAH/S. Sociologia. Política.

**Abstract**

The purpose of this report is to present the experience of participation in the sociology and politics workshops offered in the resource rooms of the High Abilities/Giftedness Activities Center (NAAH/S) in two state schools in the city of Londrina/PR. These workshops were attended during internships and activities developed within the Institutional Program of Initiatives for Teaching (PIBID) and the Scientific Initiation Program (PROIC), during the years 2015 and 2016. In summary, the report aims to present what they are the resource rooms for high abilities and how the workshops can contribute to the training of the students, showing them ways to surprise the social world through methodological criticism. The data were collected through participant observation, in which the researchers inserted themselves in the context of the activities during 15 months. In the face of the fieldwork, it was possible to verify that the sociology and politics workshops contributed in a satisfactory way in the look of estrangement and denaturalization of the students to the social world, considering that the subjects worked were, proposed by them and them, making the strangeness even greater.

**Key words:** Special education. High abilities/giftedness. NAAH /S. Sociology. Politics.

## Introdução

As concepções acerca das altas habilidades e da superdotação vêm superando ideias simplistas que ao longo do tempo as relacionaram exclusivamente às grandes mentes e às figuras dos gênios do passado. Entretanto, destaca-se que quando se fala em superdotação, de imediato muitas pessoas ainda pensam em nomes como Albert Einstein, William Shakespeare, Wolfgang Amadeus Mozart, Isaac Newton, Charles Darwin, Leonardo da Vinci, Marie Curie, entre outros. Apesar dessas figuras serem, de fato, consideradas como grandes mentes, autores, como Angela Virgolim, sugerem utilizar para elas o termo gênio enquanto que o termo superdotado deve ser empregado para designar estudantes e pessoas em geral que possuam habilidades ilustres em conhecimentos específicos conforme será explanado a seguir (VIRGOLIM, 2007, p. 9).

Este trabalho originou-se a partir de experiências vivenciadas em oficinas de Sociologia e Política oferecidas dentro das salas de recurso do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S) em escolas públicas na cidade de Londrina/PR. O aporte teórico que norteia as reflexões realizadas considera a perspectiva de que uma pessoa possui habilidades/superdotação quando manifesta isoladamente ou de maneira combinada um desempenho eminente ou “elevada potencialidade em algum ou alguns dos seguintes aspectos: capacidade intelectual geral; aptidão acadêmica específica; pensamento criador ou produtivo; capacidade de liderança; talento especial para artes visuais, dramáticas e musicais; capacidade psicomotora” (FLEITH, 2007a, p. 2).

Ainda, segundo Angela Virgolim, atualmente defende-se a ideia de que as “grandes” mentes não nascem inteiramente prontas, portanto, não se deve pensar que exista uma separação marcante entre essas pessoas e as consideradas “comuns”. Indivíduos com potenciais para altas habilidades nascem como qualquer ser humano, mas a partir do acesso ao encorajamento e incentivo no desenvolvimento dos talentos, estes acabam por se destacar. Isto ocorre porque “a criança entra na vida escolar, em geral, sem consciência de seus talentos. Muitas crianças não têm a oportunidade de explorar suas potencialidades em seus anos iniciais de vida e seus talentos podem ficar escondidos, às vezes, por toda a sua vida” (VIRGOLIM, 2007, p. 9). A partir disso é mister destacar que já no início da formação escolar é de extrema importância a observação de professores e professoras para o eventual encaminhamento de alunos/as que se encaixem nesse perfil para atendimento especializado.

No Brasil, o atendimento especializado para o desenvolvimento das altas habilidades acontece de diferentes formas e em diferentes espaços, Martins *et al.* (2016, p. 136) elenca em sua investigação OFICINAS DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA... | Laís R. Kruczeveski | Aline O. G. da Silva | Aline M. da S. 18 Almeida

algumas dessas iniciativas, como, por exemplo, o Programa de Atenção a Alunos Precoces com Comportamentos de Superdotação (PAPCS) vinculado a Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP/Marília, entre outros (MARTINS *et al.*, 2016, p. 136). No que tange à Educação Básica, o Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S) tem se destacado desde 2005 por meio de atendimento especializado a estudantes com potenciais, formação e capacitação de professores e professoras e atendimento às famílias desses/as estudantes. O NAAH/S foi criado em parceria com o Ministério da Educação (MEC) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (BRASIL, 2006, p. 13). A iniciativa visa responder à grande demanda de atendimento aos/as estudantes identificados/as com altas habilidades/superdotação, posto que “estima-se que no Brasil 2 a 3% da população sejam superdotados ou possuam altas habilidades. Para identificar pessoas com esse perfil, o Núcleo avalia se o aluno possui habilidade acima da média em alguma área” (PARANÁ, 2013, p. 1).

De acordo com o material orientador “A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação” oferecido pelo MEC para professores/as, no censo escolar de 2005, há um total de 56.733.865 (cinquenta e seis milhões, setecentos e trinta e três mil, oitocentos e sessenta e cinco) estudantes matriculados/as na educação básica (FLEITH, 2007a, 2007b, 2007c). Deste total, cerca de 640.317 ~~mil~~ são estudantes que precisam de atendimento especializado para as mais diversas especificidades de deficiências e características físicas, cognitivas e sociais. Entretanto, na realidade mostrada, somente 1.928, ou seja, 0,3% destes/as estudantes foram devidamente identificados/as com superdotação (BRASIL, 2006, p. 1). Em 2015, o jornal a “Folha de São Paulo” divulgou uma matéria com dados que apontam que o número de crianças e adolescentes com superdotação cresceu bastante no País desde 2005 (FANTII, 2015, p. 1), posto que o censo escolar de 2014 identificou 13.308 estudantes com altas habilidades. Este grande aumento se deve em grande medida a implantação do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação em 2005.

Apesar de o número de identificação para altas habilidades aumentar a cada ano, os dados demonstram que o atendimento e a identificação destes/as estudantes ainda está longe de ser o ideal. Uma das medidas para que os/as estudantes com altas habilidades passem a ser mais identificados é a formação e preparação de docentes e profissionais da educação para que sejam capazes de realizar esta identificação, também o devido encaminhamento dos/as alunos/as para o atendimento especializado (BRASIL, 2006, p. 11).

Autores/as, como Denise de Souza Fleith (2007a, p. 9) apontam que muitas crianças com potencialidades para superdotação nem sequer são identificadas pela falta de conhecimento e

orientação dos/as professores/as em relação aos comportamentos e sinais que podem ser caracterizados como de crianças/adolescentes com altas habilidades. A criação do NAAH/S foi uma das formas propostas para a diminuição destes problemas de identificação e atendimento a esta especificidade da Educação Especial que no cotidiano escolar ainda se encontra marcada por estigmas e desinformação. Os/as estudantes que são identificados/as por professores/as nas salas comuns da Educação Básica com potenciais para superdotação, são encaminhados/as para os NAAH/S e após os trabalhos de confirmação de diagnósticos, são encaminhados/as para acompanhamento com profissionais (psicólogos/as, professores/as, pedagogos/as), assim como participam de oficinas temáticas no período do contraturno escolar. Essas atividades acontecem nas salas de recursos multifuncionais (BRASIL, 2006, p. 10).

Diante destas informações, este trabalho tem, portanto, o intuito de apresentar como aconteceram oficinas de Sociologia e de Política, realizadas no Núcleo em questão. Estas oficinas fizeram parte de atividades extracurriculares que são oferecidas aos/as estudantes do NAAH/S. Serão apresentadas algumas informações acerca das temáticas destas oficinas e como elas aconteceram nas escolas em que foram ministradas. A escolha do tema surgiu a partir da possibilidade de acompanhamento de duas turmas durante estágios realizados por meio do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina no ano de 2015 e 2016 e também por meio de atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e do Programa de Iniciação Científica (PROIC) realizados mediante vínculo com a Universidade Estadual de Londrina (UEL).

### **A sala de recursos multifuncionais**

Diante da necessidade de formação e capacitação de profissionais para o atendimento de estudantes com superdotação, o MEC aponta como uma das principais funções dos NAAH/S, a de ser apoio especializado para oferecer suporte aos sistemas de ensino para o atendimento de necessidades especiais (FLEITH, 2007a, p. 77), tendo em vista que antes deste programa, a falta de informação de treinamento dos/as profissionais da educação dificultava a identificação e o encaminhamento destas crianças e adolescentes.

Muitas vezes, pelo ensino regular não suprir as necessidades educacionais dos/as superdotados/as, o NAAH/S oferece, além da atenção na classe comum, possibilidade de adiantamento de série, aceleração curricular e também a possibilidade de atividades fora das salas de

ensino regular (BRASIL, 2006, p. 77). A sala de recursos multifuncionais para Altas Habilidades/Superdotação é uma destas modalidades de acompanhamento fora da classe comum. Ela está organizada com diversos materiais e equipamentos didático-pedagógicos e multifuncionais para a realização das atividades diárias. Nesses espaços são oferecidas atividades diversas aos/as estudantes de Ensino Fundamental e Médio. Esta assistência tem como objetivo auxiliar no atendimento educacional diferenciado, de acordo com as preferências de cada estudante e costuma ocorrer no contraturno das atividades regulares (BRASIL, 2006, p. 26).

Para a implementação dos NAAH/S nas escolas selecionadas, deve ser disponibilizado pela Secretaria de Educação Especial (SEESP) um espaço mínimo de três salas nas respectivas escolas para a instalação de materiais como computadores, impressoras, mesas, cadeiras, quadros, também disponibilizados pela SEESP (BRASIL, 2006, p. 21). Nos colégios onde foram realizadas as atividades descritas neste trabalho, estas salas possuem livros de literatura e livros didático-pedagógicos, além de jogos e equipamentos como *dvds*, computadores, *datashows*, rádio e televisão para que estas atividades aconteçam de forma variada.

Para adentrar o campo, foi realizada uma primeira avaliação dos materiais orientadores já citados (BRASIL, 2006, FLEITH, 2007a, 2007b, 2007c; VIRGOLIM, 2007), assim como conversas informais com professores/as, e profissionais da educação do NAAH/S. Através do trabalho exploratório, foi constatado que, apesar da criação do NAAH/S ter ocorrido em 2005, na cidade de Londrina o NAAH/S iniciou suas atividades apenas em 2006. A sede está localizada no Colégio Estadual Professor Vicente Rijo, região central, mas também possui uma unidade no Colégio Estadual Professora Olympia Moraes Tormenta, região norte da cidade. Além de estar presente em cidades da região metropolitana, quais sejam, Rolândia, Sertanópolis e, mais recentemente, em Cambé.

Diferente da proposta do Governo Federal, que sugeriu a implantação das unidades do NAAH/S nas capitais de cada estado, no caso do Paraná, a região escolhida para a instalação da primeira unidade foi a região norte paranaense, mais especificamente a cidade de Londrina. Desde então, segundo a então presidente do Conselho Brasileiro para Superdotação, Susana Perez, o Paraná tem se tornado referência no atendimento das altas habilidades (PARANÁ, 2013). Essa afirmação foi feita por ela no programa “Encontro com Fátima Bernardes”, da Rede Globo de Televisão, que contou inclusive com a participação de alunos/as de Londrina atendidos/as pelo NAAH/S. De acordo com a Secretaria de Educação, no Paraná, até 2013, o atendimento para estudantes da rede pública de ensino era oferecido em 28 municípios e abrangia atendimento especializado a 564

estudantes. Desde sua implementação, o NAAH/S vem ganhando visibilidade no espaço escolar e na comunidade como um ambiente multidisciplinar e de enriquecimento curricular para as crianças e adolescentes que apresentam habilidades e talentos diferenciados da média escolar.

### **As oficinas de sociologia e política**

As atividades oferecidas aos/as estudantes identificados/as com superdotação foram desenvolvidas por meio de oficinas temáticas no qual cada estudante tem a liberdade de escolher quais oficinas possui interesse em participar. Durante o período de observação, as oficinas ofertadas contemplaram música, robótica, cinema, sociologia, política, entre outras temáticas. De acordo com o Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Vicente Rijo, o funcionamento das salas de recursos acontece do seguinte modo:

A dinâmica para frequentar esse espaço que o colégio oferta, será sempre em horário contrário ao do ensino regular, com atividades duas vezes por semana, podendo exceder essa frequência. Devendo esses encontros, serem controlados pelo professor, em fichas de registros. Esse trabalho difere das aulas comuns e não se destina à recuperação de conteúdos curriculares em que o aluno apresenta rendimento inferior, mas sim à realização de trabalhos diversificados em que o aluno se dedica às áreas de seu interesse e/ou aptidões, bem como de desenvolvimento de grupos de estudos, discussões de tema de seu interesse. (PARANÁ, 2013, p. 116-117).

Com esta dinâmica de atendimento, as oficinas de sociologia e política foram ministradas por um professor de Sociologia da rede pública de ensino no Colégio Estadual Vicente Rijo e no Colégio Estadual Olympia Morais Tormenta. Apesar das oficinas serem realizadas pelo mesmo professor, observou-se nas turmas características distintas, como, por exemplo, manifestações por diferentes curiosidades e interesses. Hipotetiza-se que isto possa ser explicado em razão da localização das duas escolas, haja vista que uma se localizava na região central enquanto a outra se localizava em uma região mais periférica da cidade, ou seja, a realidade cotidiana dos colégios e da região onde se localizavam eram distintas.

Participaram das oficinas em ambas as escolas, estudantes do Ensino Médio, entre 14 e 17 anos. Na escola Vicente Rijo, participaram das oficinas 4 meninos e 2 meninas, na segunda escola também participavam 1 menina e 4 meninos, sendo que um deles se encontrava matriculado nos anos finais do ensino fundamental. Nos dois contextos, o número de estudantes mulheres era menor que o de homens. Dados obtidos em conversa e com a coordenação do NAAH/S, apresentam que de

2006 a 2016 passaram pelo NAAH/S nas duas escolas, um total de 250 estudantes, sendo que desse total, 150 eram homens enquanto que 100 eram mulheres. A então coordenadora o NAAH/S relatou que esse é o número total de estudantes que passaram pelo NAAH/S nesses 10 anos.

Não será discutido nesse trabalho a relação superdotação e gênero, mas é importante destacar que há um crescente debate referente as desigualdades de gênero também relacionados a superdotação. Há trabalho como os de Ana Paula dos Reis e Candido Gomes (2011, p. 504) que se perguntam porque as meninas ainda são minoria nos programas de atendimento para estudantes com superdotação enquanto que elas são maioria nas matrículas de ensino regular. Há estudos que apontam para interferência dos padrões tradicionais de gênero na indicação e identificação, ocasionando um número maior de alunos homens encaminhados, outros estudos que apontam que esses padrões e tradições de desigualdades de gênero tornam o processo de aceitação da superdotação pelas próprias mulheres mais difícil e doloroso para elas, entre outras (FREITAS; PÉRES, 2012; KRUCZEVESKI, 2017; KRUCZEVESKI; SILVA, 2018; PALUDO; DALLO, 2012; FAUST, 2015).

A ausência de meninas atendidas pelo NAAH/S era bastante evidente nas turmas acompanhadas durante as oficinas de Sociologia. Em média, participavam das oficinas em ambas as escolas 8 estudantes homens e 3 estudantes mulheres. Esse número é extremamente baixo quando comparado ao número de estudantes que frequentavam o ensino médio na cidade de Londrina no período do trabalho de campo. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2019) em 2016 foram matriculados/as um total de 115.887 estudantes na rede pública de ensino, esse número inclui estudantes da educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, ensino técnico/profissional, educação especial e educação de jovens e adultos. Desse total, cerca de 21.042 estavam matriculados/as no ensino médio em Londrina.

No que toca aos estudantes matriculados/as na modalidade de Educação Especial, também da cidade de Londrina, o total soma 2.741 e dentre esses 1.571 fazem parte do ensino nas classes comuns enquanto 1.170 estão nas classes exclusivas. É válido ressaltar que, na Educação Especial estão inseridos também alunos/as com necessidades especiais no que toca aos seguintes aspectos: visual, auditivo, físico, intelectual, deficiências múltiplas, autismo, síndrome de Asperger, síndrome de Reit, transtorno desintegrativo da infância (TDI) e altas habilidades/superdotação. Apesar da rede pública de ensino possuir estudantes matriculados/as no atendimento especializado para altas habilidades/superdotação, na Sinopse Estatística da Educação Básica de 2016 (INEP, 2019), aparecem um total de zero estudantes matriculados/as nas salas de recursos para superdotação, não

sendo possível analisar a quantidade total de estudantes que eram atendidos/as pelo NAAH/S na época do trabalho de campo.

A participação das pesquisadoras nas oficinas de sociologia e política, ocorreu por meio de observação participante. Deste modo, o trabalho de campo aconteceu segundo os pressupostos de Antonio Carlos Gil (2008, p. 103), posto que possibilitou a participação e o acompanhamento real da vida de um grupo, haja vista que desta forma o pesquisador ou a pesquisadora tornam-se parte dele. Destaca-se que ainda segundo o autor, a participação pode acontecer de duas formas: a primeira de forma natural, quando o/a pesquisador/a já faz parte do grupo ou da comunidade pesquisada ou de forma artificial, quando o/a observador/a se integra ao grupo que objetiva investigar. No caso desse estudo, a inserção no campo foi artificial, nenhuma das pesquisadoras conhecia anteriormente o grupo pesquisado, podendo até ser definido como um trabalho exploratório pra pesquisas futuras.

As oficinas realizadas não possuíram o formato de “aulas comuns”, como a oferecida nas classes comuns, porque as temáticas variavam de acordo com os interesses da turma. O professor utilizava da didática proposta por Gasparin (2002) para a Teoria da Pedagogia Histórico-Crítica elaborada por Dermeval Saviani (2003), a partir de pressupostos da Teoria Histórico Cultural de Vigotski (1991). Nesse sentido, o processo de elaboração das oficinas foi pensado de forma com que fosse sempre levado em conta o processo de elaboração do conhecimento científico escolar. Além disso, as oficinas sempre partiam da realidade dos/as educandos/as. É necessário deixar claro que, embora as oficinas aconteciam dentro do período de 1h30m, elas, em sua maioria duravam mais de dois encontros. Os encontros eram semanais. Um encontro por semana. O quadro a seguir apresenta algumas das temáticas oferecidas aos/as estudantes no período da observação das oficinas.

**Quadro 1** – Atividades desenvolvidas nas oficinas de sociologia e política para estudantes identificados com altas habilidades/superdotação.

Atividade proposta	Objetivo da atividade	Observações
<b>Atividade de investigação sociológica sobre a amizade no mundo virtual</b>	Oferecer aos/as estudantes um olhar crítico sobre sua realidade escolar relacionada a intensificação do uso de aparelhos celulares e redes sociais dentro do ambiente escolar e sala de aula.	A proposta surgiu a partir de conversas na turma sobre a utilização de aparelhos celulares com acesso à <i>internet</i> dentro da escola. O professor propôs uma atividade de investigação empírica para em seguida ser analisada através de conceitos sociológicos como de Zygmunt Bauman sobre a sociedade líquida.  BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
	Esta atividade teve como objetivo lançar uma crítica a uma das edições de um jogo lançado na década de 1960	Todos/as os/as estudantes, juntamente com o professor jogaram o jogo seguindo as regras estipuladas no tabuleiro. Ao final, houve a surpresa dos/as estudantes ao descobrirem que quem não se tornasse um/a milionário/a



<p><b>“Jogo da vida”</b></p>	<p>que coloca o/a campeão/a do jogo como <i>milionário/a</i> e o/a perdedor/a como <i>filósofo/a</i>.</p>	<p>seria considerado/a como filósofo/a. As regras da versão do jogo utilizado nesta atividade deixaram claro que, quem não obtivesse sucesso financeiro no jogo, seria considerado/a filósofo/a. A atividade levantou o questionamento dos/as estudantes sobre os significados que sociedade dá determinadas funções e segmentos.</p>
<p><b>Análise do filme <i>V de Vingança</i></b></p>	<p>Tratar questões de política, poder, ideologia, cidadania e movimentos sociais através de uma análise do filme, além do auxílio de autores clássicos da sociologia e política.</p>	<p>Ao final da atividade, o professor lembrava as cenas do filme e ligando a temas da atualidade.</p> <p>WEBER, M. 2007. <i>Ciência e política: duas vocações</i>. São Paulo: Cultrix, 2007.</p> <p>MARX, K. &amp; ENGELS, F. <i>A Ideologia Alemã</i>. Trad. Castro e Costa, L. C. São Paulo: Martins Fontes, 2002.</p>
<p><b>Discussão do texto <i>Fascismo Potencial</i> de Marcia Tiburi</b></p>	<p>Exercitar a leitura crítica e a interpretação de texto dos/as estudantes através de um texto proposto pelo professor em resposta ao interesse dos/as estudantes.</p>	<p>Com o andamento das oficinas, surgiu o interesse dos estudantes em tratar do tema do fascismo. O professor sugeriu a leitura e o texto foi lido em voz alta e cada parágrafo era explicado pelo professor. Os/as estudantes participaram com comentários e perguntas durante a leitura.</p> <p>TIBURI, Marcia. <i>Fascismo potencial</i>. Revista Cult: São Paulo. Abril, 2012.</p> <p>BASTARDOS Inglórios. Direção: Quentin Tarantino, 2009.</p>
<p><b>Vídeo sobre a <i>ideologia do ódio</i> de Slavoj Zizek</b></p>	<p>Compreender os riscos da “ideologia do ódio”, por Zizek contrastando com acontecimentos políticos recentes no Brasil.</p>	<p>Após perguntas frequentes dos/as estudantes acerca dos acontecimentos políticos recentes no Brasil, como as greves nas escolas, os protestos e manifestações nas ruas, os primeiros sinais de possibilidade de impedimento (ou impeachment??) da então presidenta Dilma Rouseff, a proposta da oficina foi apresentar aos/as estudantes os riscos da falta de informação, a influência da mídia, a não verificação dos fatos, e como o discurso de ódio pode ser perigoso para o processo de democracia no País.</p> <p>CURI, Fabiano. <i>Ela judia, eu nazista</i>. Revista Cult. Disponível em: &lt; <a href="https://revistacult.uol.com.br/home/ela-judia-cle-nazista">https://revistacult.uol.com.br/home/ela-judia-cle-nazista</a>&gt; Acesso em: 20 jan. 2019.</p>
<p><b>Análise dos filmes/vídeos:</b></p> <p><b>Filme: <i>Quanto vale ou é por quilo</i>, de Sérgio Bianchi.</b></p> <p><b>Vídeo: <i>Negro</i>, do canal Porta dos Fundos.</b></p> <p><b>Vídeo: <i>Uma lição de discriminação</i></b></p>	<p>Discutir a questão do racismo e da falsa “democracia racial” no Brasil com base em filmes e vídeos propostos por estudantes e pelo professor.</p>	<p>Os/as estudantes procuraram filmes na <i>internet</i> que falam sobre o racismo e a reflexão sobre o tema trabalho.</p> <p>Os vídeos foram assistidos e comentados em sala. O professor a partir do debate, propôs uma atividade em que, através do vídeo “uma lição de discriminação”, os estudantes fizeram uma listagem dos tipos de discriminação que já presenciaram ou sofreram dentro da escola.</p>

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos nas observações (2019).

Diante do tempo disponível para a elaboração e execução das oficinas, estas foram acontecendo de modo que fosse possível trabalhar com as fases da didática da pedagogia histórico-

crítica, ou seja, a prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final (GASPARIN, 2002, p. 85). A partir da realidade dos/as estudantes, foram trabalhadas as abstrações do mundo social que problematizadas foram postas em debate. O professor sempre incentivava os/as estudantes a olharem com estranhamento para o que *a priori*, era tido como comum e rotineiro. Em síntese, a partir desse olhar de estranhamento, o professor apresentava-lhes teorias sociológicas e políticas para em seguida possibilitar que os/as estudantes retornassem seus olhares para a realidade anteriormente observadas, mas agora com um olhar modificado, esta última situação se configura como a prática social final (GASPARIN, 2002, p. 85).

Ainda seguindo os pressupostos da Pedagogia Histórico-Crítica, o professor sempre buscou constantemente abordar uma concepção, das temáticas abordadas, pautada no conhecimento formal acumulado historicamente (SAVIANI, 2003, p. 102). Portanto, o professor auxiliava os/as estudantes na escolha das temáticas trabalhadas, que poderia ser algum assunto político da atualidade ou temáticas próximas da realidade dos/as estudantes, como a amizade no mundo digital. Neste caso, foram trabalhadas as percepções do cotidiano escolar pelos olhos dos/as educandos/as, e em seguida trabalhadas teorias sociológicas como de Zygmunt Bauman, Anthony Giddens, Michel Foucault, para aproximar os/as estudantes dos conceitos da Sociologia como método de observação e análise social da realidade vivida.

Como as atividades do NAAH/S são pautadas na proposta de apresentar ao/a estudante uma educação diferenciada da regular, ou seja, uma educação complementar, as atividades foram bem recebidas na forma de oficinas em vez de serem apresentadas sob a forma de aulas tradicionais. Também contribuiu para a boa aceitação das oficinas, o fato de que naquele período o NAAH/S contava com estudantes que ainda estavam nos estágios finais do ensino fundamental, portanto, eles ainda não tinham tido aulas de sociologia. Deste modo, as oficinas de sociologia e política se constituíram também em um primeiro contato destes estudantes com a disciplina de Sociologia.

No espaço onde as oficinas ocorreram geralmente estavam presentes também coordenadores/as, professores/as e estudantes participantes de outras oficinas, que esporadicamente acabavam optando por acompanhar as oficinas de Sociologia, e participaram ativamente. Destacou-se que o NAAH/S, ao contrário de outros espaços do ambiente escolar, contava com recursos disponíveis para oferecer aos/as estudantes acesso a materiais que potencializam um ensino de qualidade. É válido notar também que no NAAH/S, a quantidade de estudantes atendidos/as é bem inferior à das turmas regulares, o que certamente auxilia na conservação e disponibilidade dos

recursos. Durante as oficinas foram utilizados pelos/as estudantes, computadores, jogos, livros, televisão, entre outros materiais, alguns trazidos pelo professor, como projetor e *notebook*.

O processo de desnaturalização da sociedade e o exercício da imaginação sociológica foi um dos objetivos das oficinas de sociologia aplicadas aos/as estudantes com altas habilidades. Para isto, a definição do que é a Sociologia e quais são suas metodologias de análise da realidade social foram sempre elencadas aos/as estudantes, já que muitos/as relataram que acreditavam que a Sociologia era mera expressão da opinião. Sabe-se que este tipo de concepção é um dos motivos que difunde a perpetuação no imaginário coletivo de que as pesquisas sociológicas não se constituem em ciência e, diante disso, não possuem credibilidade.

Outro ponto importante observado é o fato de que como os/as estudantes tinham direito a escolher quais oficinas frequentariam, eles participavam de maneira ativa e interessada. O questionamento e a desnaturalização da realidade social foram exercícios constantes que o professor propôs aos/as estudantes. Com base em teorias sociológicas, políticas e antropológicas, o professor incentivou também a pesquisa, a busca de fontes e a observação crítica destas fontes. Como nestas oficinas havia a presença de estudantes que ainda não frequentam aulas de Sociologia (pois ainda estavam nos estágios finais da educação fundamental), durante as observações, constatou-se o esforço e o cuidado do professor em introduzir questões fundamentais e ainda assim seguir com o curso proposto pelas oficinas.

Estes momentos de explicação aconteceram diversas vezes nas oficinas observadas, o professor explicava sobre a Sociologia e a Ciência Política e como ela pode analisar todos os temas presentes na vida dos/as estudantes. Em alguns momentos, o professor pediu que os presentes pensassem em situações do cotidiano que tivessem interesse em estudar sociologicamente. Os/as estudantes que frequentaram as oficinas de Sociologia possuíam habilidades especiais, essas habilidades são referentes a uma ou mais áreas do conhecimento, mas assim como qualquer outra pessoa, “sua visão, sua capacidade estão limitadas pelo cenário próximo: o emprego, a família, os vizinhos; em outros ambientes, movimentam-se como estranhos, e permanecem espectadores” (MILLS, 1972, p. 9).

Para Reis e Gomes (2011, p. 506) o conceito de superdotação passou de uma visão fechada e unidimensional para uma visão multidimensional, vista de diversas formas e lentes, nesse sentido a Sociologia também apresenta diferentes formas de ver e analisar o mundo social. Todas as atividades oferecidas aos/as estudantes nas oficinas de sociologia apresentaram formas de compreender a realidade a partir de um método e criticidade.

Convém destacar, que a proposta de uma educação inclusiva direciona-se num caminho oposto a ideia de integração. Segundo Borges, Pereira e Aquino (2012, p. 1), ambas as tendências auxiliam no direcionamento das políticas educacionais para a educação especial, mas a tendência de integração, apesar de defender o acesso democrático a educação, permanece contraditória, haja vista não permitir uma real inserção dos/as alunos com deficiência nas escolas comuns, de modo que esses tendem a permanecer segregados. Em contrapartida, a educação inclusiva busca “fazer da integração uma obrigação de todos” (BORGES; PEREIRA; AQUINO, 2012, p. 4). Desse modo, a proposta de uma educação inclusiva almeja que as escolas sejam capazes de acolher todas as pessoas, independente das suas condições físicas, intelectuais, emocionais, linguísticas, entre outras.

Apesar de ser um ideal defendido pela Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação, a educação verdadeiramente inclusiva exige esforço constante das esferas públicas e da sociedade em geral. Nesse sentido, projetos educacionais que invistam na formação dos/as profissionais da educação, agentes educacionais e, sobretudo, de professores e professoras, com vistas a assegurar a formação adequada para este contexto, são imprescindíveis aos propósitos de uma política educacional inclusiva e comprometida com o desenvolvimento das potencialidades dos cidadãos e cidadãs. Ademais, destaca-se a importância da organização destes Núcleos para a ampliação com qualidade do atendimento às necessidades educacionais especiais dos/as alunos/as, oferecimento de suporte às famílias desses/as alunos/as e promoção do suporte pedagógico aos/as professores/as. Esse tipo de iniciativa atuará na perspectiva da construção de um sistema educacional inclusivo, que assegure o atendimento aos/às educandos/as com necessidades educacionais especiais, preferencialmente, na rede regular de ensino, como preconiza o artigo 208, inciso III da Constituição Federal de 1988.

### **Considerações Finais**

Um desafio que se mantém e que foi constatado no decorrer das observações, é o fato de que ainda existe uma grande dificuldade para identificar os/as jovens/as com altas habilidades no cotidiano escolar e familiar, principalmente devido à falta de informação sobre o tema. Esta dificuldade ainda leva muitos profissionais e cidadãos/as em geral a desmerecerem atitudes e comportamentos de crianças e adolescentes com altas habilidades/ superdotação. Diante de todo esse panorama, o programa de implantação de Núcleos de Atividades de Altas Habilidades /

Superdotação – NAAH/S tem se constituído enquanto uma importante iniciativa para a introdução das políticas e ações públicas na área de educação com as Secretarias Estaduais de Educação do Brasil.

No tocante às oficinas, constatou-se que, sob a perspectiva da didática da Pedagogia Histórico-Crítica, as oficinas de sociologia e política, puderam contribuir para a formação dos/as estudantes com superdotação a partir de fundamentos acerca de criticidade metodológica com vistas a analisar o mundo social. É mister destacar que mesmo que os sujeitos possuam altas habilidades em alguns ou vários aspectos relevantes, estes ainda trazem consigo muitas concepções oriundas de suas relações sociais e da realidade que os cerca, deste modo, ressalta-se que mesmo as pessoas superdotadas carregam consigo visões de mundo pautadas no senso comum. A partir disso, as oficinas realizadas foram importantes para ajudar esses estudantes a ampliarem as suas concepções e potencialidades de análise crítica destes sujeitos para com a própria realidade e também em relação a realidades distintas.

## Referências

BORGES, Maria Célia; PEREIRA, H. O. S.; AQUINO, F. A. Inclusão versus integração: a problemática das políticas e da formação docente. *Revista Iberoamericana de Educación*, Madrid, v. 59, n. 3, 2012.

BRASIL. *Núcleo de atividades de altas habilidades/superdotação*: material orientador. Brasília-DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

FANTII, Bruna. O número de superdotados cresce 17 vezes em 14 anos nas escolas do Brasil. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 out. 2015.

FAUST, Georgia Martins. *Atlas habilidades e superdotação*: questão de gênero? 2015. Disponível em: <https://geofaust.wordpress.com/2015/06/30/altas-habilidades-e-superdotacao-questao-de-genero/>. Acesso em: 18 jan. 2019.

FLEITH, Denise de Souza (org.). *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação*: volume 1: orientação a professores. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Especial, 2007a.

FLEITH, Denise de Souza (org.). *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação*: volume 2: atividades de estimulação de alunos. Brasília/DF: Ministério da Educação, Secretaria de educação especial, 2007b.

FLEITH, Denise de Souza (org.). *A construção de práticas educacionais para alunos com Altas Habilidades/superdotação*: volume 3: o aluno e a família. Brasília/DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007c.

FREITAS, Soraia Napoleão; PÉRES, Susana Graciela Pérez. A mulher com altas habilidades/superdotação: à procura de uma identidade. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 18, n. 4, p. 677-694, out./dez. 2012.

GASPARIN, João Luiz. *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Sinopse estatísticas de educação*: 2016. 2019. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em: 2 jan. 2019.

KRUCZEVESKI, Lais Regina; SILVA, Aline O. G. Altas habilidades/superdotação na educação básica: apontamentos a partir da perspectiva de gênero. *Alabrasto*, São Paulo, v. 2, n. 11, p. 37-51, 2018.

KRUCZEVESKI, Lais Regina. *Altas habilidades/superdotação a partir da perspectiva de gênero*. 2017. Monografia (Especialização em Ensino de Sociologia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

MARTINS, Barbara Amaral *et al.* Altas habilidades/superdotação: estudos no Brasil. *Journal of Research in Special Educational Needs*, [S. l.], v. 16, n. 1, 2016.

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

PALUDO, Karina; DALLO, Luana. Gênero e altas habilidades/superdotação: incidência menor em meninas? A inclusão dos superdotados na escola e na sociedade. In: ENCONTRO NACIONAL CONBRASSD, 5., 2012, [S. l.]. *Anais [...]*. [S. l.], 2012.

PARANÁ. *Paraná é referência no atendimento a superdotados*. 2013. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=4460>. Acesso em: 22 jul. 2018.

REIS, Ana Paula P. Z.; GOMES, Candido A. Práticas pedagógicas reprodutoras de desigualdades: a subrepresentação de meninas entre alunos superdotados. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 2, 2011.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

VIGOTSKI, Lev S. *Obras escogidas*. Madrid: Visor, 1991. t. 1.

VIRGOLIM, Angela M. R. (org.). *Altas habilidades/superdotação: encorajando potenciais*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

**Recebido em:** 01 de outubro de 2018

**Aceito em:** 30 de janeiro de 2019